

Perspectivas de futuro entre adolescentes: influência da autoestima e qualidade da escola

Future's perspective among adolescents: influence of self-esteem and quality of school

Elder Cerqueira-Santos¹, Othon Cardoso de Melo Neto¹

Resumo: O objetivo deste estudo foi investigar a forma como a perspectiva de futuro de jovens em condições de vulnerabilidade social é influenciada pelo clima e qualidade da escolaridade/formação, considerando o papel da autoestima. Participaram do estudo 507 estudantes da rede pública de ensino de duas cidades (capital e interior), com idades entre 14 e 24 anos, sendo 61,1% do sexo feminino. Foi utilizado um instrumento de 58 questões, autoaplicado e confidencial composto por escalas que tratam sobre Perspectiva de Futuro, Clima e Qualidade Escolar, além da escala de Autoestima de Rosenberg, além de dados biosóciodemográficos. A média de idade dos jovens foi de 17,08 anos (DP=1,55 anos). Uma análise de regressão linear mostrou que o Clima e Qualidade Escolar e a Autoestima explicam 18% ($R^2=0,182$) dos níveis de Perspectiva de Futuro dos estudantes. Os dados sugerem que a qualidade da escola é uma variável fortemente associada à perspectiva de futuro do jovem, assim como a autoestima e a renda.

Palavras-chaves: escola; autoestima; perspectiva de futuro.

Abstract: The aim of this study was to investigate how the future perspectives of young people in conditions of social vulnerability are influenced by climate and quality of education, considering the role of self-esteem. Participants were 507 students from public schools, aged between 14 and 24 years, 61.1% female. The instrument was composed of 58 questions, self-responded and confidential, including scales about Future Perspective, Climate and School Quality, Rosenberg Self-Esteem Scale and demographic data. The mean age was 17.08 years (SD=1.55). A linear regression showed that the Climate and School Quality and Self-Esteem explain 18% ($R^2=0.182$) of student's Future Perspective. Data suggest that school quality is a strong variable associated with youth future perspective, just as self-esteem and income.

Keywords: school; self-esteem; future perspective.

1. Universidade Federal de Sergipe

Perspectivas de futuro entre adolescentes: influência da autoestima e qualidade da escola

Elder Cerqueira-Santos

Othon Cardoso de Melo Neto

A ideia de que a adolescência é uma fase qualitativamente diferente da infância e da idade adulta tem sua origem na Antiguidade. A base sociopolítica dessa diferenciação só surgiu, no entanto, com a transformação das estruturas sociais ocorrida em fins do século XIX que permitiram aos mais novos serem retirados do mercado de trabalho para frequentarem a escola e outras instituições educacionais (Tomás, Oliveira & Rios-Neto, 2008).

A crise do trabalho no Brasil, conforme discute Pochmann (2004), vem sendo responsável pelo distanciamento cada vez maior entre o que os jovens gostariam de ser – as expectativas que têm com relação ao futuro – e o que eles realmente conseguem ser – a forma com que acabam tendo que lidar com a realidade que a eles se impõe no dia a dia. Os adolescentes, em particular, são afetados diretamente por essa realidade, com contornos mais dramáticos para aqueles advindos das classes socioeconômicas mais pobres (Maia & Mancebo, 2010).

De forma similar ao conceito de adolescência (discutido amplamente em Cerqueira-Santos & Melo Neto, 2014), a juventude, em geral, é reconhecida por meio da categorização etária (categorização sociodemográfica), como etapa de amadurecimento, seja sexual, social, afetivo, intelectual, cognitivo e físico/motor, e como subcultura (Sandoval, 2002).

O segmento de jovens torna-se ainda mais relevante pelas necessidades que gera, uma vez que formam o conjunto de pessoas que, efetivamente, pressiona a economia para a criação de novos postos de trabalho (Sarriera & Câmara, 2001). É sem dúvidas, exposto às mais elevadas taxas de mortalidade por causas externas (IHA, 2009) e apresenta os mais altos índices de gestação entre as mulheres (Cerqueira-Santos, Paludo, Schirò & Koller, 2010).

No entanto, pouco há disponível sobre medidas específicas para mensuração dos comportamentos e fatores de risco/vulnerabilidade desses jovens, bem como de fatores de proteção em seu desenvolvimento biopsicossocial e econômico. Estudos ou relatórios como o da Unicef (2011), que traça um retrato nacional amplo sobre a adolescência ainda são minoria o que dificulta o conhecimento e criação de políticas específicas e efetivas.

O aspecto relativo à falta de perspectiva de futuro do adolescente em relação à sua inserção no mundo do trabalho é bastante sério. Com o rápido avanço técnico-científico as novas tecnologias ocupam o espaço de trabalho humano e absorvem apenas mão de obra altamente qualificada. Este processo ampliou a exclusão e ao mesmo tempo acirrou concorrência pelos poucos novos campos de trabalho (Clímaco, 1991).

Castro e Corrêa (2005) afirmam que a adolescência é o período em que se adquirem virtudes e competências sociais, em vistas das responsabilidades e retribuições do mundo adulto, além de tratar-se do período da existência imediatamente anterior à entrada no mercado de trabalho, da participação política para a construção da sociedade, do exercício da autonomia, liberdade e responsabilidade, durante o qual o adolescente encara o futuro, antecipa o mundo adulto e tem possibilidade real de escolher seu lugar para realizar-se como pessoa. Porém, continuam os autores, a desigualdade social traz consequências drásticas para os mais jovens, pois são os que estão mais perto da escolarização, da qualificação

profissional, do mercado de trabalho que não se desenvolve suficientemente.

Analisando todos esses pontos, considerando a pujante necessidade atual de qualificação humana, conseguida mediante esforços escolares pensando em formação, considerando a realidade mundial de desemprego crônico/estrutural que terminam por reforçar o retardamento do ingresso dos jovens ao mercado, é clara a necessidade que os jovens precisam de mais tempo sob a tutela de algum responsável sem ingressar no mercado de trabalho.

Merece atenção conhecer o comportamento de jovens quando as condições financeiras familiares não permitem o adiamento da entrada no mercado de trabalho, assim como quando a estrutura escolar é de alguma forma precária. Este trabalho tem como principal objetivo investigar a forma como a perspectiva de futuro de jovens em condições de vulnerabilidade social são influenciados pelo clima e qualidade da escolaridade/formação, considerando o papel da autoestima sobre as atitudes, os sentimentos e sobre as perspectivas de futuro.

Adolescência e Perspectiva de Futuro

A perspectiva de futuro é entendida como a antecipação, no presente, de metas futuras, referindo-se assim, ao grau e ao modo pelo qual o futuro cronológico de um indivíduo é integrado ao espaço de vida presente, por meio de processos motivacionais, sejam estas metas relativamente próximas, como concluir o ensino médio e passar em alguma universidade, por exemplo; ou mais distantes, como engajar-se em um emprego que assegure boa qualidade de vida (Oliveira & Saldanha, 2010; Locatelli, Bzuneck & Guimarães, 2007).

A importância de se imaginar o futuro para entender a motivação, seja para qual aspecto for, e o comportamento humano é presente desde os anos 30 do século passado (Husman & Lens, 1999; Schoen-Ferreira, Aznar-Faria & Silvares, 2003), quando se entendia que o presente de um indivíduo é composto por seu passado e por seu futuro. Ou seja, considerava-se a perspectiva de tempo como uma orientação para situações futuras, que demanda a capacidade de ter antecipação de resultados ou consequências futuras no comportamento presente.

Deve-se levar em conta a maior ou menor distância que as metas tem de um objeto presente e que são processadas pelo indivíduo, daí surgindo diferenças individuais na extensão ou profundidade da perspectiva de futuro. Schoen-Ferreira *et al.* (2003) afirmam que um indivíduo com perspectiva de futuro mais curta define suas metas num futuro próximo, pois somente um futuro cronológico próximo é parte de seu mundo (finalizar a dissertação para poder se dedicar as provas de doutorado, por exemplo). No entanto, aquele sujeito que possui uma perspectiva de futuro mais longa, possui mais metas de longo prazo do que metas de curto prazo, e apresenta mais chances em manter bons níveis de motivação para eventos ou ações em que os resultados estão localizados em um futuro distante (Husman & Lens, 1999; Lens, Simons & Dewitte, 2002).

As diferenças individuais sobre a perspectiva de tempo futuro apresentam, segundo pesquisas, consequências motivacionais que afetam a intensidade do esforço na motivação para a aprendizagem escolar. Estudos como o de Zaleski (1994, citado por Lens *et al.*, 2002) descobriu, comparando indivíduos em função da distância psicológica da perspectiva de futuro, que as pessoas que apresentam perspectiva de futuro mais longas são mais persistentes em suas metas e mais satisfeitas nas ações orientadas a metas presentes. Esta motivação pode ser explicada pelo fato de as pessoas estabelecerem espécies de submetas,

de alcance mais próximos, que ajudam na manutenção de atitudes que são fundamentais para a meta final, localizada em um futuro mais distante.

A formação da perspectiva de futuro é moderada por variáveis como idade cronológica, nível socioeconômico e também possivelmente a autoestima. De acordo com Vaz Serra (1986), a autoestima é a faceta mais importante do autoconceito, e encontra-se associada aos aspectos avaliativos que o sujeito elabora sobre seu próprio respeito, baseado nas suas capacidades e desempenhos, ou seja, sobre os resultados do que faz na vida, inclusive o alcance de metas.

De acordo com Lens *et al.* (2002), no início da adolescência, os jovens começam a desenvolver uma perspectiva de futuro realista, que se expande até o meio da vida, em geral. Daí por diante, pela própria diminuição da perspectiva de vida, conquistas e aumento de maturidade, esta perspectiva de tempo futuro tende a diminuir. Dois aspectos da perspectiva de futuro são importantes e devem ser explicados: o aspecto cognitivo e o dinâmico; descritos por Husman e Lens, 1999.

O aspecto cognitivo refere-se à percepção de instrumentalidade - a capacidade do indivíduo de antecipar no presente não somente as consequências imediatas de uma ação (aplicável, útil), mas também as de longo alcance. Para os estudantes que apresentam perspectiva de futuro longa, é possível antecipar de modo mais fácil as implicações de suas tarefas no presente, para alcançar suas metas localizadas no futuro e elaborar seus planos e projetos. Por consequência, aumentará o valor de instrumentalidade ou de utilidade das ações presentes, incrementando a motivação para aprender e realizar as tarefas na escola. Já o aspecto que é considerado dinâmico dentro do constructo perspectiva de futuro engloba a disposição para valorizar uma meta, seja ela mais próxima ou bastante distante. As pessoas se sentem motivadas quando há a expectativa real de que seus comportamentos ofereçam resultados sobre os quais haja algum interesse, sejam aplicáveis à realidade, e em que o valor atribuído aos resultados é alto.

De acordo com Oliveira, Pinto e Souza (2003), os adolescentes que têm a oportunidade de chegar ao ensino médio são desafiados a definir um projeto de futuro. Eles devem consolidar a um só tempo opções que integram profissão, formação e emprego, sem dizer as necessárias escolhas afetivas. A velocidade das transformações sociais, as incertezas econômicas globais, os avanços tecnológicos são fatores que contribuem para transformações marcantes no mundo do trabalho na atualidade, tornado as escolhas no campo profissional particularmente difícil para os jovens. Talvez, pela complexidade das escolhas, esta fase é marcada por incertezas e dúvidas, na qual muitos adolescentes se sentem confusos e com dificuldade de estabelecer opções.

No entanto, ao analisar a situação dos jovens adolescentes das camadas populares, a realidade é distinta, uma vez que, comumente, há, já nesse período da vida, a necessidade da geminação do trabalho com o estudo (Oliveira, 2001), de formas de ocupação que lhes garantam algum rendimento, tanto para o consumo próprio quanto familiar. Nesta faixa de idade, a procura, em geral, resulta em formas precárias de inserção.

Segundo Dayrell (2007, p.1007), é possível constatar a existência de uma nova condição juvenil no Brasil, "O jovem que chega às escolas públicas, na sua diversidade, apresenta características, práticas sociais e um universo simbólico próprio que o diferenciam e muito das gerações anteriores". Essa mudança nos jovens que chegam à escola não se restringe as diferenças culturais entre gerações, mas também as diferenças de classe, devido às mudanças que levaram ao maior acesso das classes populares às escolas públicas.

Com o aumento do número de estudantes frequentando o Ensino Médio, o ingresso no Ensino Superior não pode ser garantido pela escola, mas, como afirma Sposito e Galvão (2004, p. 348), a referência que norteia as práticas escolares dos professores é a preparação para o vestibular: “Além da natureza intrinsecamente excludente deste objetivo, decorrente da pequena capacidade de acolhida do Ensino Superior público, sua permanência reitera esses três anos de escolaridade como fase intermediária, algo situado entre, sem um sentido intrínseco”. Xavier (2008) também aborda esta questão trazendo, além do vestibular, o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) como um importante definidor de conteúdos.

De acordo com Thomé, Telmo e Koller (2011), outro aspecto a considerar é que o projeto profissional dos indivíduos já começa a ser construído desde a infância, influenciado pelas representações sociais das profissões, principalmente a dos pais. Para muitos jovens, a experiência ou a inexperience de inserção no mercado laboral torna-se fator fundamental no processo de formação de sua identidade (Bajoit & Franssen, 2007; Sarriera, Silva, Kabbas & Lopes, 2001). No Brasil, o contexto de inserção laboral dos jovens mostra-se desfavorável em determinados aspectos, pois a fragilidade e a instabilidade do contexto mercadológico podem tornar o jovem mais vulnerável ao entrar no mercado de trabalho.

Método

Participantes

Participaram do estudo jovens com idades entre 16 a 24 anos de ambos os sexos, advindos de escolas públicas, nas cidades de Aracaju (Capital) e Itabaiana (Interior de Sergipe), que possuem o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) entre os níveis “manter” e “alerta”; estes níveis, segundo o IDEB, são considerados fracos.

Instrumento

O instrumento utilizado é fruto de adaptação da ferramenta desenvolvida para o estudo “Juventude Brasileira” (Koller, Cerqueira-Santos, Morais & Ribeiro, 2005; Dell’Aglío, Koller, Cerqueira-Santos & Colaço, 2011). O instrumento tem como propósito conhecer o público investigado no estudo e versa sobre aspectos de caracterização biosociodemográfica dos participantes, abordando as temáticas acerca do sexo, idade, cor, status do relacionamento, qual a série/etapa escolar atual e em que turno frequenta; com quem mora, qual a renda familiar do domicílio, se recebe algum tipo de bolsa ou auxílio do poder público, qual o grau de instrução dos pais, se já foi reprovado; Ainda na primeira parte, há uma tabela contendo questões que buscam mensurar o grau de satisfação em relação ao colégio, satisfação com a escola, se gosta dos professores, e o apoio recebido nesta com sete itens que foram respondidos de acordo com uma escala tipo *Likert* de cinco pontos variando desde “discordo totalmente” até “concordo totalmente”. Questões sobre trabalho foram abordadas como: se já trabalhou, se possui ou não carteira assinada, local onde trabalha; se já precisou parar de estudar para poder trabalhar, qual a renda atualmente proveniente deste trabalho e quantas horas por dia são dedicadas ao trabalho. A autoestima foi mensurada a partir da escala de Rosenberg (1989).

Procedimentos

A aplicação do instrumento teve duração aproximada de 60 min. E foi feita aproveitando

o espaço da sala de aula, em caráter coletivo, mas de forma anônima e respondida de maneira individual; foi oferecido aos alunos respondentes distância segura entre as carteiras e instruído que não fossem discutidas as questões com o colega mais próximo ou em voz alta. Estes procedimentos tiveram o intuito de proporcionar mais confiança aos participantes perante a pesquisa e que assim fosse possível responder da maneira mais real e fiel à realidade possível, e assim evitar o tratamento de dados fictícios.

Os participantes foram recrutados em escolas públicas da cidade de Aracaju e Itabaiana, e previamente autorizados pela direção da escola, a participar do estudo. Ainda assim, somente após os jovens terem recebido as devidas explicações verbalizadas e fornecidas via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido [TCLE] de que não possuíam qualquer obrigação de participar da pesquisa; ou que podiam desistir em qualquer parte da pesquisa; que esta não ofereceria qualquer risco à sua integridade física e mental, causando ocasionalmente a lembrança de fatos de vida desagradáveis.

Teve-se o cuidado de tornar claro também que a participação possuía caráter voluntário, não oferecendo qualquer ganho financeiro nem tampouco prejuízos e que qualquer dúvida a respeito dos procedimentos adotados durante a condução da pesquisa estava facultada à liberdade de questionamento dos procedimentos.

Ainda no TCLE constava que os nomes dos participantes, em hipótese alguma, seriam divulgados e que todas as informações individuais possuíam caráter estritamente confidencial, sendo inclusive, a versão assinada pelo participante, que ficou com o pesquisador, recolhida antes da entrega do instrumento e armazenada em invólucro separado do instrumento, para que não houvesse assim, qualquer tipo de identificação.

Análise de Dados

Os dados foram submetidos a tratamento quantitativo. Para a realização das análises, foi utilizado o *software Statistical Package for Social Sciences (SPSS for Windows, versão 17.0)*

Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva, observando-se frequências, médias e desvios-padrão. Dados referentes a aspectos biosociodemográficos como sexo, idade, estado civil, escolaridade, turno escolar, número de reprovações, abandono de estudos para trabalhar, configuração e renda familiar, saúde, trabalho e suas condições (local, carteira assinada), se há renda própria, quanto tempo é dedicado ao trabalho, clima e qualidade escolar, autoestima e perspectiva de futuro, todos tiveram suas frequências descritas no estudo.

Questões como a percepção do clima e da qualidade da escola – uma tabela com sete itens que tratam sobre o apoio escolar, conforto e bem estar no ambiente – foi transformada em um índice, para desta forma, oferecer condições de análise com outras variáveis, posteriormente descritas.

De maneira similar, a variável Perspectiva de Futuro, constando no instrumento por meio de nove itens agrupados em tabela própria, passaram por tratamento estatístico, transformada em um índice, e assim, poder ser analisada com demais variáveis do estudo. Outra grande variável, foco deste trabalho, é a Autoestima. Este constructo passou por análise fatorial, apresentando coesão interna forte, mantendo apenas um fator. O alfa de Cronbach encontrado neste estudo é considerado alto (0,824).

Inicialmente foram realizadas análises de test t de Student para as variáveis de perspectiva de futuro e clima escolar com variáveis independentes. Seguindo as análises

bivariadas do estudo, foram executadas ANOVAS entre os Índices de Perspectiva de Futuro e os níveis de Clima e Qualidade Escolar. Assim como foi realizada uma ANOVA entre o Escore Fatorial de Autoestima e os níveis de Clima e Qualidade Escolar. Foram também realizadas análises de Correlação de Pearson entre sexo dos participantes e diversas variáveis trabalhadas neste estudo, assim Correlações de Pearson entre as cidades participantes as mesmas variáveis trabalhadas na primeira correlação. Por fim, foi executada uma análise de regressão linear múltipla para buscar variáveis dentro do estudo que apresentassem níveis de influência significativa sobre a Perspectiva de Futuro dos participantes da pesquisa.

Aspectos Éticos

Os aspectos éticos que garantiram a integridade dos participantes deste estudo foram assegurados com base na Resolução nº 196 do Conselho Nacional de Saúde, que consiste em diretrizes e normas que regulam as pesquisas com os seres humanos (CNS, 1996), o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) e na Resolução nº 016 do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2000). Este estudo foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Sergipe e está registrado com o protocolo nº 286/2010.

Além do termo de consentimento individual, foi dada a garantia de sigilo das informações pessoais, assim como foi disponibilizada a assistência psicológica pelo responsável desta pesquisa, caso algum participante necessitasse de apoio psicológico provocado pela lembrança negativa de algum dos aspectos investigados.

Resultados

As análises para este estudo se referem aos dados de 507 participantes, que responderam ao questionário na capital (67,7%) e no interior (32,3%), estudantes da rede pública de Sergipe. Todas as séries do ensino médio estão representadas neste estudo, sendo 15,8% (N=80) do 1º ano, 43,6% (N=221) do 2º ano e 40,6% (N=206) do 3º ano. A maior parte dos estudantes (61,1%; N=310) pertence ao sexo feminino, enquanto que (38,9%; N=197) pertencem ao sexo masculino. Possuem idade média de 17,08 anos (DP=1,55 anos) e idades-limite entre 14 e 24 anos. Não houve diferença significativa ($t=-,677$; $p=0,499$) entre as médias de idades para rapazes (17,02; DP=1,46) e para moças (17,12; DP=1,61); assim como também não houve diferença nas idades médias ($t=-1,310$; $p=191$) entre os estudantes de Aracaju (17,01; DP=1,39) e de Itabaiana (17,22; DP=1,84). A maioria dos participantes estuda no período da manhã (76,1%; N=386), 22,9% (N=116) pela tarde e somente 1,0% (N=5) em tempo integral.

Mais da metade dos estudantes (51,3%; N=260) informou que nunca reprovou durante as séries cursadas até o momento, enquanto que 48,7% (N=247) afirmou que já reprovou no mínimo uma vez, com média de 1,47 (DP=0,65) e números limite entre 1 e 4 reprovações. É válido destacar que para esta amostra, o número de jovens que já afirmou ter reprovado ao menos uma vez, deve ser considerado alto, já que atinge quase a metade da amostra estudada. Com relação à identificação racial, a maior parte da amostra declarou-se como parda (60,6%; N=307), seguido de negros (17,2%; N=87), brancos (16,6%; N=84), amarelos (3,7%; N=19) e indígenas (2,0%; N=10). A renda familiar encontrada na amostra foi de R\$ 1.229,07 (DP= R\$ 827,45) com valores-limite entre R\$ 300,00 e R\$ 3.150,00 reais.

Entre aqueles que declararam receber algum tipo de auxílio governamental (33%), a maioria (19,9%) afirmou receber o Bolsa Família, seguido por 12,8% que são beneficiários do programa "Bolsa Escola", assim como pessoas que declararam receber o auxílio proveniente

do programa “Bolsa Jovem” (0,8%) e o “Bolsa Alimentação” (0,2%). É válido destacar que o percentual de famílias que são beneficiárias dos programas de redistribuição de renda parece alto diante da renda média encontrada na amostra (R\$ 1.229,07). Uma possível explicação para esta divergência entre a renda e a porcentagem de beneficiários do programa pode residir na possibilidade de grande parte desta renda ser informal, não declarada para o Governo.

Perspectiva de Futuro e Clima/Qualidade Escolar

A partir desta parte, serão apresentadas análises sobre as três variáveis de interesse deste estudo, feitas tanto com dados biosociodemográficos quanto entre si. A Tabela 1 apresenta os valores encontrados para as análises bivariadas (Testes T) entre dados biosociodemográficos e a perspectiva de futuro. Entre os valores encontrados é válido destacar que jovens com idade até 17 anos apresentaram índices de Perspectiva de Futuro (9 a 45 pontos) maiores do que os jovens que possuem idades a partir de 18 anos. Este dado pode ter explicação a partir da premissa de que jovens mais novos, cursando séries entre o 1º e o 2º ano, ainda vivem única e exclusivamente para a dedicação aos estudos. Com a realidade do vestibular, a escolha por uma profissão, a necessidade de trabalhar, é ainda distante, enquanto que para jovens a partir dos 18 anos, a pressão social e mesmo na escola pela escolha de uma carreira a seguir, para o resto da vida, pode tornar esse processo doloroso para alguns, ou mesmo, perceber que não há condições de cursar uma universidade pública e não ter suporte financeiro para arcar com os custos de uma faculdade particular. Há também a vontade natural de buscar emprego, e assim ter maior facilidade em ter acesso aos bens de consumo que interessam e que muitas vezes permitem a manutenção de permanência destes jovens nos grupos sociais em que estão inseridos. Poder comprar roupas atuais, aparelhos eletrônicos, motocicletas ou mesmo carros.

Tabela 1. Testes T entre Perspectiva de Futuro e biosociodemográficas

Variável	Categoria (N)	Perspectiva de Futuro	
		Média (DP)	T (p)
Sexo	Masculino (197)	37,01 (6,05)	,172 (,864)
	Feminino (310)	36,91 (6,46)	
Idade	Até 17 (345)	37,52 (6,04)	3,017 (,003)*
	Acima de 17 (162)	35,72 (6,68)	
Renda familiar	Até 700 (169)	36,72 (6,28)	-1,588 (,113)
	Acima de 700 (156)	37,82 (6,17)	
Renda própria	Até 311 (60)	36,75 (5,90)	-,044 (,965)
	Acima de 311 (46)	36,80 (6,94)	
Tem experiência de trabalho?	Não (319)	36,81 (6,13)	-,647 (,518)
	Sim (188)	37,18 (6,59)	
Reprovado	Não (260)	37,44 (6,11)	1,814 (0,70)
	Sim (247)	36,43 (6,47)	

Outro dado que, apesar de não apresentar valores estatisticamente significativos, mostrou que há uma tendência entre jovens que nunca foram reprovados em ter melhores índices de perspectiva de futuro se comparados com os jovens que já passaram pela experiência de cursar novamente a mesma série no ano seguinte. Sofrer algum revés durante o período

escolar pode questionar o aluno sobre suas capacidades em cumprir com responsabilidades e projetar essa “falta de competência” para o futuro e para responsabilidades que virão, como empregos que exigem competência técnica e habilidades desenvolvidas, assumir uma família e ser capaz de provê-la. Este dado precisa ser melhor analisado em pesquisas posteriores, afinal, a perspectiva de futuro serve como mola propulsora para a manutenção na busca de sonhos e conquistas.

A Tabela 2 foi elaborada para sintetizar uma série de análises bivariadas (testes T) entre variáveis biosociodemográficas e o índice de Clima e Qualidade Escolar. Entre as bivariadas escolhidas para fazer parte desta síntese temos: sexo, idade, renda familiar, experiência laboral, renda própria e se já foi reprovado. Dentre estas, apenas a renda familiar apresentou valores significativos estatisticamente.

Tabela 2. Testes T entre Clima e Qualidade Escolar e biosociodemográficas

Variável	Categoria (N)	Clima e Qualidade Escolar	T (p)
		Média (DP)	
Sexo	Masculino (197)	25,49 (4,81)	,278 (,781)
	Feminino (310)	25,36 (5,29)	
Idade	Até 17 (345)	25,27 (5,07)	-,912 (,362)
	Acima de 17 (162)	25,71 (5,18)	
Renda familiar	Até 700 (169)	26,00 (4,92)	2,029 (,043)*
	Acima de 700 (156)	24,87 (5,15)	
Tem experiência de trabalho	Não (319)	25,50 (5,07)	,554 (,580)
	Sim (188)	25,24 (5,16)	
Renda própria	Até 311 (60)	1,95 (,852)	,500 (,618)
	Acima de 311 (46)	1,87 (,778)	
Reprovado	Não (260)	25,81 (5,15)	1,830 (0,068)
	Sim (247)	24,98 (5,02)	

Participantes com renda familiar menor (até 700 reais) apresentaram média de Clima e Qualidade Escolar (índice de 7 a 35 pontos) maior do que os jovens que possuem renda familiar maior que 700 reais. Estes dados informam que a estrutura pedagógica oferecida – professores, técnicos, coordenadores, orientadores -, somada à vontade do aluno em continuar seus estudos naquele mesmo espaço nos próximos anos, é maior entre alunos que possuem renda familiar menor. Este dado pode ter explicação em aspectos subjetivos deste recorte da amostra. Por exemplo: pessoas com menores níveis de renda, podem ter desejos mais simples de serem alcançados, mas não necessariamente, menos árduos. Ter acesso a uma casa própria, não importando em que condições, se com um grande ou reduzido número de quartos, ou acesso a itens que podem ser considerados “dispensáveis” e que também barateiam a aquisição do imóvel, como localização, quantidade de cômodos, banheiros, revestimento. Podem desejar conquistar empregos mais simples, com salários provavelmente mais modestos, mas que sejam suficientes para suas necessidades, e que, com acesso básico à escola oferecido atualmente pelos poderes estatais, sem se preocupar com a qualidade e/ou precariedade, já seja possível de alcançar. Para os jovens oriundos de classes sociais com rendas maiores, a estrutura escolar oferecida parece não ser tão satisfatória, talvez por razões similares as dos jovens que possuem renda familiar menor. Para os jovens com melhores condições, talvez seja possível encontrar parâmetros mais qualificados e desejos mais elaborados, e por consequência, que precisam de maior esforço

social para serem atingidos.

Outro ponto de análise que pode ser destacado aqui é a relação entre ter histórico de reprovação no percurso escolar e a maneira como enxerga o Clima e Qualidade Escolar da instituição que frequenta. O teste não apresentou significância estatística entre estas duas variáveis, mas mostrou que há tendência (ver Tabela 2) de que jovens que não possuem fracassos escolares como a reprovação em seu histórico, tem uma visão ligeiramente melhor sobre a estrutura pedagógica, sobre os amigos e pela vontade de continuar seus estudos na mesma instituição pelos próximos anos. Talvez para estes jovens, a estrutura oferecida seja crucial para o bom rendimento escolar, mas, de acordo com Carpena (1999) esteja ligado a um lócus de controle interno, baseado em comprometimento com os estudos, principalmente nos horários em que não está na escola. Tornando o suporte oferecido pela instituição uma ferramenta importante, mas auxiliar (Ver tabela 2).

Uma ANOVA ($F=3,661$; $gl=2,504$; $p=,026$) entre o índice de Perspectiva de Futuro (9 a 45 pontos) e os três níveis (baixo, médio e alto) de Clima e Qualidade Escolar, tornou claro que há diferença estatística significativa para a população estudada, entre as médias de Perspectiva de Futuro separando os participantes por níveis estabelecidos de Clima e Qualidade Escolar.

Por haver diferença significativa estatística, foi realizado um teste *post hoc* de Tukey ($p<0,05$) para que fossem observadas tais diferenças. Jovens que estão inseridos na categoria de alto Clima e Qualidade Escolar apresentam médias muito maiores sobre a Perspectiva de Futuro quando comparados principalmente com jovens que estão inseridos na categoria de baixa Perspectiva de Futuro. Estes dados (vistos na Tabela 3) mostram a relação, para a amostra estudada, de como a perspectiva de futuro de um jovem pode sofrer influência da qualidade técnica escolar, da confiança que é depositada por parte do aluno em coordenadores, orientadores, professores e sobre como a qualidade do ensino (mensurada pela vontade do aluno em permanecer nos próximos anos na mesma escola) influenciam em aspectos relacionados a conquistas futuras como: ser capaz de concluir os estudos, ter condições técnicas de lutar por concorridas vagas nas universidades do país, batalhar por condições de trabalho que forneçam boa qualidade de vida e satisfação, entre outros.

Tabela 3. Teste *post hoc* de Tukey para as variáveis: índice de Perspectiva de Futuro e categorias de Clima e Qualidade Escolar.

		Comparações Múltiplas Tukey				
Categorias de qualidade da escola		Diferenças das médias	DP	P	Intervalo de Confiança	
					Min	Max
Baixa	Média	-,988	,672	,306	-2,57	,59
	Alta	-1,863*	,690	,020	-3,48	-,24
Média	Baixa	,988	,672	,306	-,59	2,57
	Alta	-,875	,686	,410	-2,49	,74
Alta	Baixa	1,863*	,690	,020	,24	3,48
	Média	,875	,686	,410	-,74	2,49

Na Tabela 4 que trata sobre as Correlações de Pearson entre as variáveis biosociodemográficas, o índice de Clima e Qualidade Escolar, os escores fatorados de

Autoestima e o índice de Perspectiva de Futuro e as relações destas por cidade (Capital e Interior), são apresentadas as significâncias estatísticas. Estas Correlações foram criadas para poder ter às mãos mais um ferramenta que mostre como as variáveis deste estudo se correlacionam à luz da realidade de cada cidade pesquisada (Ver Tabela 4).

Na capital, as correlações feitas com Clima Escolar não apresentaram qualquer significância estatística, mostrando que para esta variável, nada possui correlação forte, seja positiva ou negativa. Já com a variável Autoestima, foram encontradas correlações negativas com índice de reprovação e positiva forte com o Clima Escolar. Por fim, a variável Perspectiva de Futuro apresentou forte correlação positiva com as variáveis Clima Escolar e Autoestima. Ainda sobre a variável Perspectiva de Futuro serão encontradas correlações positivas e negativas com outras variáveis como a idade. (Ver Tabela 4)

Com relação às correlações das variáveis no interior, é possível afirmar que Clima Escolar apresentou correlação positiva com Autoestima e positiva forte com Perspectiva de Futuro, indicando que, quando os valores encontrados nestas variáveis aumentam, os valores nas demais, aumentam também. É válido destacar que a Autoestima também apresentou correlação positiva com a variável Perspectiva de Futuro (Tabela4).

Tabela 4. *Correlação de Pearson entre biosociodemográficas, índice Escolar, Autoestima, e índice de Perspectiva de Futuro, por cidade*

Capital	Interior	1	2	3	4	5	6	7	8	Itabaiana M (SD)
1- Sexo		,066	-,240**	-,275**	,020	-,067	-,040	,016		1,66 (,476)
2- Idade	,001		-,057	,085	,583**	-,110	-,097	-,135		17,22 (1,840)
3- Renda	-,120	-,157*		,100	-,131	-,051	,039	,002		1009,42 (667,71)
4- Experiência laboral	-,110*	,126*	,089		,144	,064	,065	,102		,43 (,497)
5- Reprovado	-,165**	,430**	,029	,156**		-,103	,040	-,162*		,48 (,501)
6- Clima Escolar	-,016	,049	-,052	-,100	-,072		,193*	,201**		27,28 (4,377)
7- Autoestima	-,044	-,035	,077	,010	-,117*	,175**		,381**		,0425 (,971)
8- Perspectiva de Futuro	-,021	-,167**	,237**	-,007	-,048	,119*	,353**			37,34 (5,422)
Aracaju – M(DP)	1,59 (,493)	17,01 (1,386)	1369,97 (888,74)	,34 (,474)	,49 (,501)	24,47 (5,184)	-,0214 (1,014)	36,75 (6,697)		

*Correlação é significativa em $p < 0,05$ (2- tailed)

**Correlação é significativa em $p < 0,01$ (2- tailed)

Regressão Linear para Perspectiva de Futuro

A Tabela 5 apresenta uma regressão linear, que examina os preditores para o índice de perspectiva de futuro. O primeiro modelo investigou as variáveis: sexo, cidade, idade, renda familiar, trabalho e se já foi reprovado durante a vida escolar (maior valor das duas últimas variáveis para “sim”). O segundo modelo manteve as variáveis acima citadas e acresceu o Índice de Clima e Qualidade Escolar, além do escore fatorial de autoestima. O objetivo foi investigar a coinfluência entre as variáveis e desta forma, encontrar indicações de quais, entre elas, de fato tem maior correlação com a perspectiva de futuro dos jovens participantes da pesquisa (Ver Tabela 5).

Tabela 5. *Regressão Linear Múltipla de preditores para a influência sobre a perspectiva de futuro dos jovens estudantes de escola pública.*

Variável	Modelo 1			Modelo 2		
	B	SE B	Beta	B	SE B	Beta
Sexo	1,035	,702	,084	1,160	,656	,094
Cidade	,693	,699	,056	,347	,682	,028
Idade	-,495**	,259	-,122	-,401	,242	-,099
Renda	,001*	,000	,169	,001*	,000	,157
Trabalho	,319	,701	,026	,307	,655	,025
Reprovado	-,342	,780	-,028	-,112	,732	-,009
Índice Clima e qualidade escolar				,127**	,065	,106
Autoestima (escore fatorial)				2,021*	,313	,334
R ²		0,54			,182	
F		3,003**			8,692*	
R ² ajustado		0,36			,161	

Nota: *p<,001 e **p<,05

No modelo 1, somente a idade e a renda familiar do participante apresentaram níveis de significância estatística com a variância deste modelo explicando que somente 5,4% (R²=0,54) da influência destas variáveis influenciam os níveis de perspectiva de futuro dos jovens. O segundo modelo, contendo as mesmas variáveis do modelo 1 acrescidos do índice de Clima e Qualidade Escolar e do escore fatorial de Autoestima, a variável idade deixou de ser relevante estatisticamente enquanto que a variável renda manteve seu desempenho bem forte de influência sobre a perspectiva de futuro, mesmo com as variáveis adicionadas apresentando grau de significância estatística relevantes. O modelo 2 apresentou grau de variância mais alta e consegue explicar 18% (R²=0,182) dos níveis de perspectiva de futuro dos jovens que participaram da pesquisa.

Discussão

O Clima e Qualidade Escolar parece ter melhor nível de avaliação, a partir da renda, e provavelmente da realidade social proporcionada por esta renda. Jovens com rendas menores enxergam a escola pública onde estudam como instituição fundamental para alcançar seus objetivos, enquanto que jovens com acesso financeiro melhor parecem não encontrar na

estrutura oferecida as ferramentas necessárias para melhores conquistas futuras.

De maneira similar, a Perspectiva de Futuro apresentou influência a partir da noção de Clima e Qualidade Escolar e também dos níveis de autoestima dos jovens participantes do estudo. Principalmente entre aqueles que possuem altos e baixos níveis referente a qualidade da escola onde estudam e da autoestima pesquisada nos estudantes. Alunos com maiores índices de autoestima enxergam a escola com melhores perspectivas do que alunos que possuem níveis mais baixos.

A estatística utilizada para procurar correlações entre as grandes variáveis de interesse deste estudo, mostrou que a autoestima tem forte ligação positiva com o nível de satisfação com o Clima e Qualidade Escolar, assim como apresenta forte ligação com a Perspectiva de Futuro.

A questão do trabalho é uma das grandes preocupações da juventude e também o é no campo das políticas públicas para a juventude. Existe uma convicção generalizada de que é necessário desenvolver programas e ações que melhorem a situação atual, levando-se em conta o aumento da vulnerabilidade deste grupo social, a limitada oferta de oportunidades, e as especificidades da condição juvenil contemporânea (Andrade, 2008).

A ideia de moratória social juvenil, aquela que permite aos jovens que posterguem sua atuação trabalhista na sociedade, favorecendo que estes passem mais tempo estudando, buscando qualificação, foi proposta por Margullis e Urresti (2008), e parece ser uma realidade apenas para jovens dos setores médio e alto, que possuem, geralmente, oportunidades de estudar, e adiar seu ingresso nas responsabilidades da vida adulta.

Aos integrantes das camadas populares, são restritas as oportunidades de vivenciar esse processo de moratória, uma vez que ingressam precocemente no mundo do trabalho e assumem responsabilidades familiares com menor idade (Margullis & Urresti, 2008). Os recursos que brindam a moratória social não estão distribuídos uniformemente nos diversos aspectos sociais, o que faz com que o período juvenil nos setores populares seja mais curto em relação às classes média e alta (Margullis & Urresti, 2008).

Outro aspecto a considerar é que a política neoliberal adotada pela economia globalizada causa, em última instância, a precarização das relações de trabalho e, conseqüentemente, o desemprego, o que eleva a vulnerabilidade social, a pobreza e a exclusão (Lima & Minayo-Gomes, 2003). Para Thomé *et al.* (2011), a dificuldade de se discriminarem essas situações gera sofrimento nos jovens, ao atribuírem a si próprios as causas da incapacidade de se integrar ao mercado de trabalho (Gonçalves, 2008; Lehman, 1998). Na sociedade do trabalho, a pessoa passa a ter um valor correspondente à importância de seu trabalho ou à sua capacidade produtiva (Mattos, 1992).

Conclusão

Este estudo teve como foco, a adolescência e a juventude, as impressões que possuem com relação ao clima e a qualidade da escola onde estudam, questões como trabalho, renda, autoestima, e a maneira como estes podem influenciar na perspectiva de futuro dos jovens.

Foi possível perceber que, assim como disseram Locatelli, Bzuneck e Guimarães (2007), a Perspectiva de Futuro pode sofrer influências em curto espaço de tempo, já que jovens estudantes de escola pública, com até 17 anos possuem níveis de Perspectiva de Futuro mais elevado do que jovens com apenas um ano a mais de vida. É interessante notar

como a proximidade com novos desafios, parece por em cheque a qualidade da escola onde estudam, e por consequência, a qualidade da Perspectiva de Futuro desenhada.

Embora a perspectiva de futuro possa aumentar a motivação do aluno, é necessário também por parte da escola, pais, professores, promover a motivação destes para as tarefas escolares presentes, em função da utilidade para seu futuro, seja próximo ou mesmo distante.

A sugestão de Lens *et al.* (2002) é que a Psicologia Educacional deveria reconsiderar o papel da perspectiva de tempo futuro na motivação do aluno para aprender. Quando o aluno apresenta uma instrumentalidade que é caracterizada pela relevância futura de uma tarefa, e sente que esta é regulada internamente, ou seja, por ele próprio, pode sentir-se autônomo e autodeterminado.

De acordo com os dados encontrados, não é possível negligenciar a importância de trabalhar com os jovens aspectos tão caros como autoestima, otimizar a qualidade de investimentos em escolas, tanto suas estruturas prediais, como em qualificação do corpo docente e técnico, afim de proporcionar tanto ganhos claros e já conhecidos, como melhor formação técnica e crítica dos cidadãos, poder fornecer melhores aspectos de confiança no futuro.

Referências

- Bajoit, G. & Franssen, A. (2007). O trabalho, busca de sentido. In: O. Fávero, M. P. Sposito, P. Carrano, & R. R. Novaes (Orgs.), *Juventude e contemporaneidade* (pp. 93-123). Brasília: Unesco, MEC, Anped.
- Brasil (1990). *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal nº 8069/1990. Brasília.
- Carpena, M. E. F. (1999). *Famílias de meninos em situação de rua na cidade de Caxias do Sul: Locus de Controle, situação atual de vida e expectativas para o futuro*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Castro, L. R., & Correa, J. (2005). Juventudes, transformações do contemporâneo e participação social. In L. R. Castro & J. Correa (Eds.), *Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais* (pp. 9-16). Rio de Janeiro: Nau.
- Cerqueira-Santos, Elder; Melo Neto, O. C. (2014). Autoestima e comportamento sexual de risco: A questão da vulnerabilidade pessoal. In: Veriana de Fátima Rodrigues Colaço; Andréa Carla Filgueiras Cordeiro. (Org.) p. 237-260. *Adolescência e Juventude: Conhecer para proteger*. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cerqueira-Santos, E., Paludo, S. S., Schirò, E. D. B., & Koller, S. H. (2010). Gravidez na adolescência: análise contextual de risco e proteção. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 15(1), 73-85.
- Clímaco, A. A. de S. (1991). *Repensando as concepções de adolescência*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, PUC – SP.
- Conselho Federal de Psicologia. (2000). *Resolução para pesquisas com seres humanos*. Resolução nº 016/2000, de 20 de dezembro. Brasília.
- Conselho Nacional de Saúde. (1996). *Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Resolução nº 196/1996, de 16 de outubro de 1996. Brasília.
- Dayrell, J. T. (2007). A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização ju-

venil. *Educação e Sociedade, Campinas*, 28(100), p. 1105-1128.

Dell'aglio, D. D. ; Koller, S. H. ; Cerqueira-Santos, E. ; Colaço, V. F. R. Revisando o Questionário da Juventude Brasileira: Uma nova Proposta. (2011). In: Débora Dalbosco Dell'aglio; Sílvia Helena Koller; 259-270. *Adolescência e Juventude: Vulnerabilidade e Contextos de Proteção*. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Gonçalves, C. M. (2008). *Pais aflitos, filhos com o futuro incerto? Um estudo sobre a influência das famílias na orientação dos filhos*. Lisboa: FCG/FCT.

Husman, J. & Lens, W. (1999). The role of the future in the student motivation. *Educational Psychologist*, 34, 113-125.

Koller, S. H., Cerqueira-Santos, E., Morais, N. A., & Ribeiro, J. (2005). *Juventude brasileira*. Relatório técnico para o Banco Mundial. Washington, DC: World Bank.

Lens, W., Simons, J. & Dewitte, S. (2002). From duty, to desire: The role of students' future time perspective and instrumentally perceptions for study motivation and self-regulation. In: F. Pajares e T. Urdan (Org.) *Academic motivation of adolescents*, Connecticut: Information Age Publishing, 221-245.

Lima, S. M., & Minayo-Gomes, C. (2003). Modos de subjetivação na condição de aprendiz: embates atuais. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*, 10(3), 931-53.

Locatelli, A. C. D., Bzuneck, J. A., & Guimarães, S. E. R. (2007). A motivação de adolescentes em relação com a perspectiva de futuro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20, 268-276.

Maia, A. A. R. M., & Mancebo, D. (2010). Juventude, Trabalho e Projetos de Vida: Ninguém Pode Ficar Parado. *Psicologia Ciência e Profissão*, 30(2), 376-389.

Margullis, M., & Urresti, M. (2008). La juventud es más que una palabra. In M. Margullis (Ed.), *La juventud es más que una palabra: ensaios sobre cultura y juventud* (pp. 13-30). Buenos Aires: Biblos.

Mattos, R. A. (1992). *De recursos a seres humanos: O desenvolvimento humano na empresa*. Brasília: Livre.

Oliveira, M. C. S. L., Pinto, R. G., & Souza, A. S. (2003). Perspectivas de futuro entre adolescentes: universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta. *Temas em Psicologia da SBP*, 11(1), 16-27.

Oliveira, I. C. V., & Saldanha, A. A. W. (2010). Estudo comparativo sobre a perspectiva de futuro dos estudantes de escolas públicas e privadas. *Paideia*, 20(45),47-55.

Oliveira, R. C. (2001) *Jovens trabalhadores: representações sobre o trabalho na contemporaneidade*. Dissertação de mestrado, Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Pochmann, M. (2004). Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In R. Novaes & P. Vannuchi (Eds.), *Juventude e sociedade: trabalho, educação e participação* (pp. 217-241). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Rosenberg, M. (1989). *Society and the adolescent self-image*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Sandoval, M. (2002). *Jóvenes del siglo XXI. Sujetos y actores en una sociedad en cambio*. Santiago: UCSH.

Sarriera, J. C., & Câmara, S. G. (2001). Critérios de seleção para o trabalho de adoles-

centes - jovens: perspectiva dos empregadores. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 6(1), 77-84.

Sarriera, J. C., Silva, M. A., Kabbas, C. P., & Lopes, V. B. (2001). Formação de identidade ocupacional em adolescentes. *Estudos de Psicologia*, 6(1), 27-32.

Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M., & Silvaes, E. F. M. (2003). A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 107-115.

Sposito, M. P., & Galvão, I. (2004). A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. *Perspectiva*, 22(02), 345-380.

Tomas, Maria Carolina; Oliveira, Ana Maria Hermeto C. De And Rios-Neto, Eduardo Luiz G. (2008). Demographic perspectives on delayed labor market entry in metropolitan areas in Brazil. *Rev. bras. estud. popul.[online]*.25(1), pp. 91-107.

Thomé, L. D., Telmo, A. Q., & Koller, S. H. (2011). Adolescência e Juventude – vulnerabilidade e contextos de proteção. In D. D. Dell’Aglío, & S. H. Koller (Orgs.), *Inserção Laboral Juvenil: contexto e opinião sobre definições de trabalho* (pp. 13-41). Porto Alegre: Casa do Psicólogo

Unicef (2011). *O direito de ser adolescente: Oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades*. Fundo das Nações Unidas para a Infância. – Brasília, DF.

Vaz Serra, A. (1986). A importância do autoconceito. *Psiquiatria Clínica*, 7(2), 57-66.

Xavier, M. L. (2008). Educação Básica – resgatando espaços de humanização, civilização, aquisição e produção de cultura na escola contemporânea. In N. M. Pereira, N. O. Schafer, S. E. L. Bello, C. S. Traversini, M. C. A. Torres, S. Szewczyk (Orgs.), *Ler e escrever: Compromisso no Ensino Médio* (pp. 66-85). Porto Alegre: Editora da UFRGS e NIUE/UFRGS.